Conversas de Bar

Fábio Portugal Sorrentino

Quando saí, a mesa tinha 3 amigos. Volto, e tem mais 6 conhecidos.

Samira traga descompassadamente seu palheiro. Em intervalos não regulares, toma goles da cerveja gelada à sua frente:

- Eu fico pensando, você não acha falso essa galera que nunca cumprimenta, mas vem te abraçar no bar?

Eu olho ao redor, tentando identificar para quem foi sua indireta. Provavelmente, qualquer um dos 6 conhecidos. Não menos provável, todos.

- Como assim? – pergunto.

Samira responde com sua voz de sapeca, típica.

- Têm pessoa que eu vejo indo Rucar que nem olha na minha cara, no máximo dá um sorriso. Aqui, eles vêm me abraçar, perguntar como eu estou. Bando de falso.

Ele me dá sua risada contida, de boca entre aberta e dentes rangendo.

- Não sei se é falsidade ou só um rolê do álcool. – dou um gole em minha cerveja - Talvez eles cumprimentem por que o bar é um lugar social. Talvez por que a cerveja quebre algumas barreiras de intimidade, de timidez.

Agora, distorço mais ainda o passado - como o lembro - para fazer isto mais dinâmico.

Ursinho, que eu não fazia ideia que estava ouvindo, fala:

- Então será que, por isso, a cerveja e o bar são coisas que ajudam na socialização? Ou deixam ela falsa?

Tadeus aproveita a maré para jogar mais uma onda:

- Então o bar é uma instituição que, através de suas tecnologias alcoólicas, tenta acalorar as relações humanas? Seria ele a resistência ao afastamento e esfriamento crônico do “eu e tu”? Ou talvez seja apenas mais um sintoma da crise humana de nossos tempos?

Kuzido não entende:

- Não entendi.

Ursinho, que pensa ter entendido, responde:

- Que parte?

- A da crise.

- Acho que ele quis dizer que, talvez, o bar seja apenas mais um espaço de relações frias, fúteis, fugazes.

Kuzido precisa de uma palavra para entender o raciocínio de Ursinho.

Na verdade, não precisa. Consegue entender sem saber essa palavra, mas acha que Ursinho também não sabe:

- O que é fugaz?

Samira responde, na lata:

- É uma coisa rápida, que dura pouco, que nem começa e já “puff”.

Os planos de Kuzido são arruinados.

Tadeus problematiza:

- Será que algo passageiro é ruim? Afinal, a vida não é apenas um sopro, como dizia aquele velho?

O sábio amarra as pontas:

- É, boto fé. O possível problema do bar não são as relações efêmeras, mas a falta de sentido nelas. Não é sua rapidez, ou sua simplicidade, mas sua banalidade.

Ursinho problematiza, novamente:

- Será que a cerveja banaliza as relações, ou as relações já são banalizadas e a cerveja é só mais uma vítima?

Kuzido volta um pouco:

- Então, mas boto fé que o bar não é nada disso. É que nem o Tadeus falou, ele pode ser um espaço que aproxima as pessoas, que quebra todas essas barreiras que a gente carrega nas relações cotidianamente. Eu boto fé que a desinibição das pessoas ajuda elas a ficarem íntimas mais facilmente. A cerveja é um presente dos Deuses, uma bebida que cura os males dos bons costumes e das repressões.

- Então amanhã essas pessoas que me abraçaram hoje vão me abraçar novamente? – pergunta Samira cético. – Vão nada, no máximo um sorrisinho e um “oi”. Bando de falso! – sim, pelo visto foi retórica.

- É, eu acho que o bar, a cerveja, o banza, podiam ser coisas que ajudassem a aproximar as pessoas. Mas, do jeito que tá, são apenas banalizados por elas. – diz Ursinho, triste.

- Malditos celulares – diz Tadeus.

- Malditos filmes – diz Ursinho.

- Malditos capitalistas – diz Kuzido.

- Malditos falsos – diz Samira.